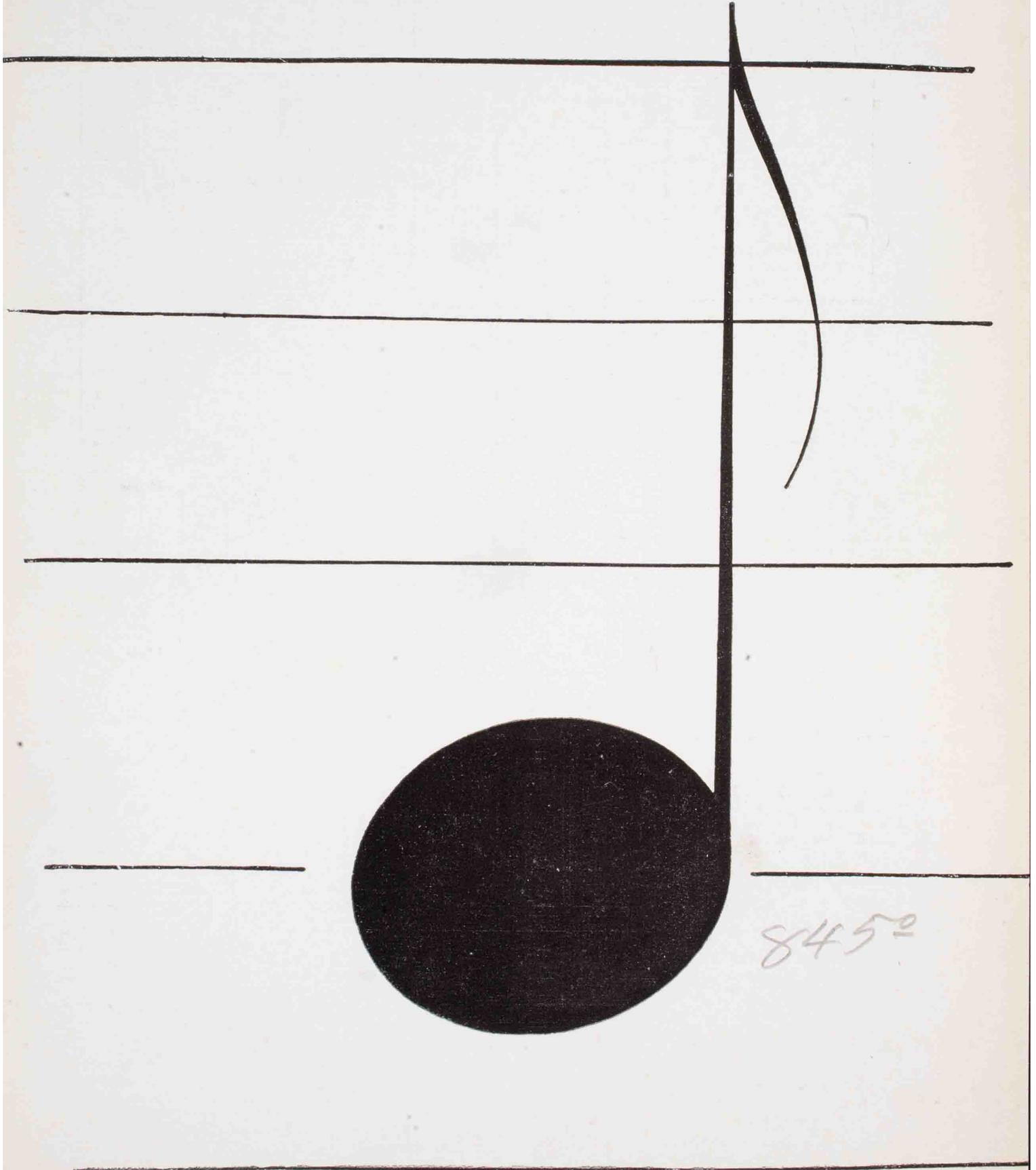


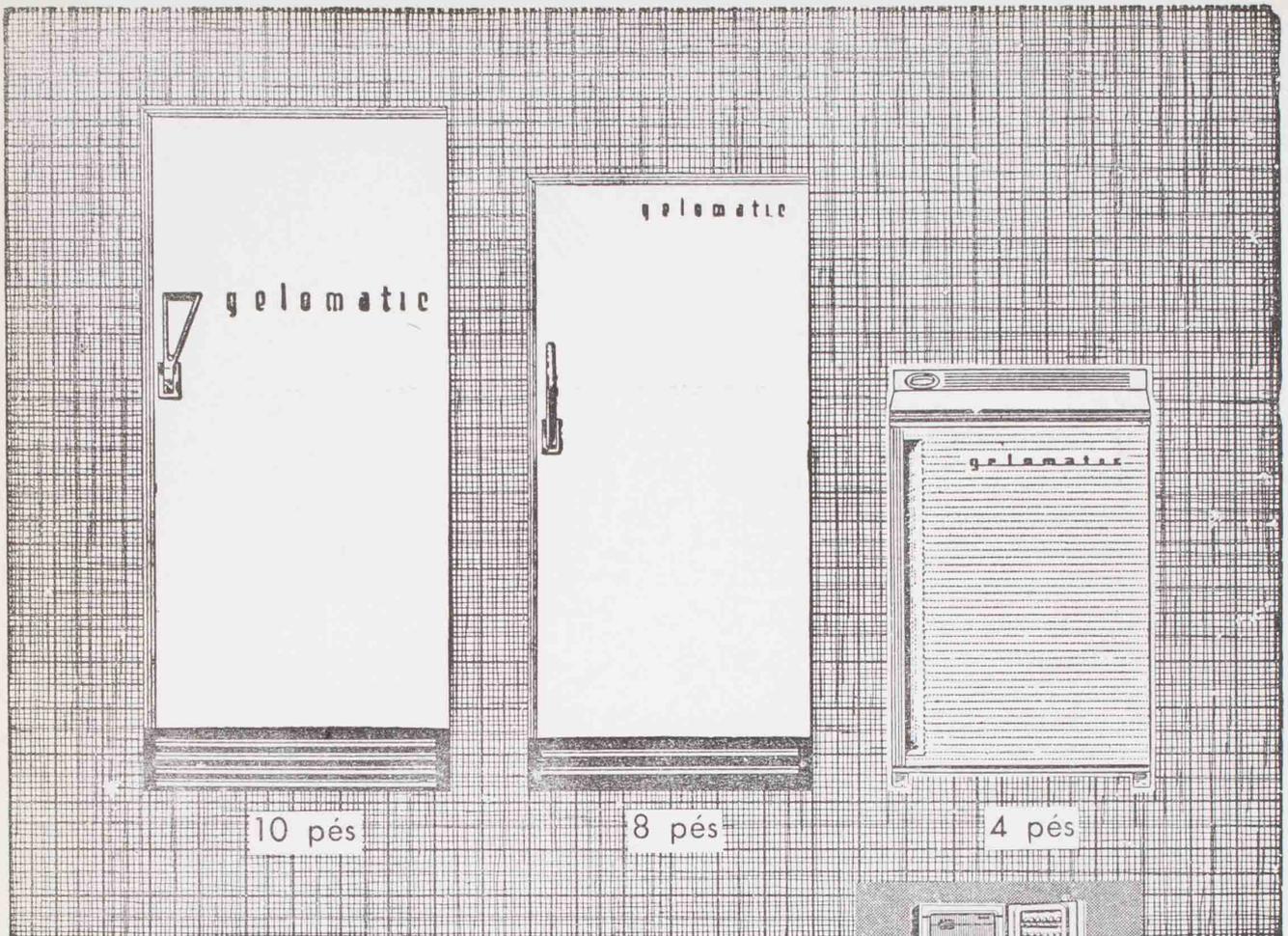


PREFEITURA DE SÃO PAULO

# TEATRO MUNICIPAL



8452



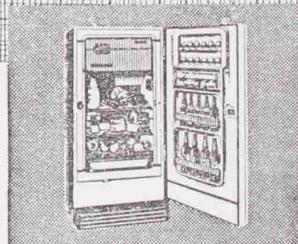
# SOB MEDIDA

PARA SUA FAMÍLIA

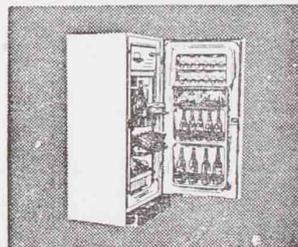
# gelomatic

*Super Luxo*

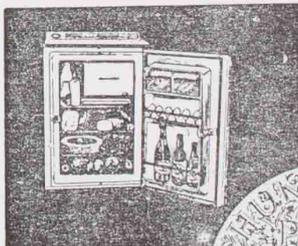
Seja qual for o seu problema,  
de espaço ou tamanho de sua família,  
há um Gelomatic para resolve-lo.



10 pés



8 pés



4 pés

Internamente coloridos

**QUALIDADE GELOMATIC**  
Internacionalmente reconhecida  
**MEDALHA DE OURO**  
de Bruxelas



PROCURE OS CONCESSIONÁRIOS

ETICA 1949



A MARCA QUE GARANTE O PRODUTO

SÃO PAULO: Rua Clélia, 85 - Fone: 62-3121 (rede interna) - Caixa Postal 5.659 - End. Teleg.: GELIBESA ou TAMBORES  
RIO DE JANEIRO: ESCRITÓRIO - LOJA - EXPOSIÇÃO: Praça Ana Amélia, 9 A e B - Fones: 32-7362 - 22-9346 (rede interna)  
End. Teleg.: RIOTAMBORES - FABRICA: Avenida Brasil, 6.503 - Fone: 30-1590  
RECIFE: Rua do Brum, 595 - Fone: 9-694 - Caixa Postal 227 - End. Teleg.: TAMBORES NORTE  
PORTO ALEGRE: Rua Moura Azevedo, 220 - Fone: 2-1743 - Caixa Postal 1734 - End. Teleg.: TAMBORESSUL  
BELÉM DO PARÁ: Avenida Presidente Vargas, 53 - Conj. 308 - Fone: 5-198 - Caixa Postal 913 - End. Teleg.: GELIBESA  
BELO HORIZONTE: Rua Aquiles Lobo, 469 - Caixa Postal 881 - Fone: 2-1919  
SALVADOR: Rua São João, 10 - 1.º andar - Fone: 2-286 - Caixa Postal 153



SOCIEDADE  
DE  
CULTURA ARTÍSTICA  
1963

Quinquagésima-primeira temporada

SARAU 845.º (terceiro da temporada)

2.º CONCERTO DO

CICLO BEETHOVENIANO

DOS TRIOS PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELO

Executantes :

Pianista — FRITZ JANK

Violinista — GINO ALFONSI

Violoncelista — CALIXTO CORAZZA

---

CONFIANÇA É A BASE PARA A COMPRA DE UMA JÓIA  
para aqueles que querem o melhor



joalheiros

praça da república, 242 — são paulo  
av. rio branco, 173 — rio de janeiro

o mais fino bombom

o melhor chocolate



UMA LOJA EM CADA CANTO DA CIDADE  
E DIVERSAS PELOS BAIRROS

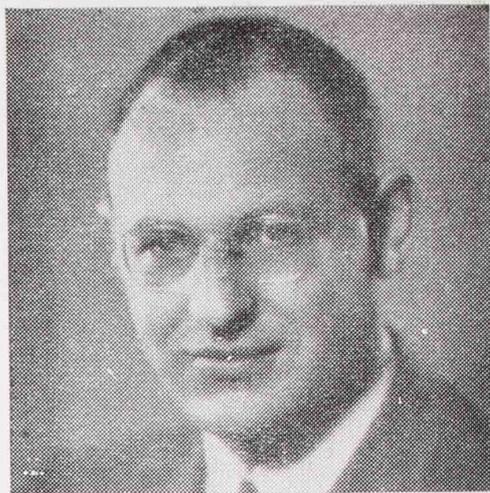
*Hedvig* ★

decorações em geral

- ★ móveis avulsos
- ★ bares tipo apartamentos
- ★ presentes
- ★ objetos de adorno
- ★ novidades

RUA AURORA, 886

TELEFONE 25 8681



FRITZ JANK

Fêz seus estudos de Piano e Harmonia com os professores Schmidt Lindner e Courvosier, em Munich. Deu seus primeiros concertos públicos com a idade de dez anos, quando já eram pronunciados seus pendores artísticos. No desenvolvimento de sua carreira deu vários recitais na Europa, tendo chegado ao Brasil em dezembro de 1934.

Fixou sua residência em São Paulo onde vem lecionando o instrumento em que é consumado mestre, sendo professor do Conservatório Carlos Gomes. Em 1945 foi chamado para o lugar de pianista do «Trio São Paulo» do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Executou pela primeira vez, a convite da Sociedade de Cultura Artística, o Ciclo das Sonatas para Piano de Beethoven, em 1941. Este mesmo ciclo foi executado para o Departamento de Cultura de São Paulo, no Teatro Municipal, em vários outros anos seguidos.

Em 1950 foram apresentados os 5 Concertos para Piano e Orquestra e a «Fantasia Coral», de Beethoven, no Teatro Municipal, sob a regência de Edoardo De Guarneri.

Anteriormente já haviam sido apresentados, por Fritz Jank, o Ciclo de Sonatas para Violino e Piano, com o violinista Frank Smith e o Ciclo das Sonatas para Violoncelo e Piano, com Mário Camerini, bem como todos os Trios com Anselmo Zlatopolsky e Mário Camerini.

E', pois, Fritz Jank, o pianista beethoveniano conhecedor e estudioso de toda a obra do «Gênio de Bonn» relacionada com o instrumento em que é «virtuose».

Grande tem sido a atuação de Fritz Jank como solista de orquestra, tendo participado de concertos com Camargo Guarneri, Armando Belardi, Souza Lima, Edoardo De Guarneri, Eleazar de Carvalho, Leon Kaniefsky, Eugen Szenkar, Zacharias Autuori, Constantinesco e outros.

Participou também do «Quarteto Lehner», na apresentação do Quarteto de Cesar Franck. Tem recebido aplausos como recitalista em quase todas as principais cidades e capitais do País, desde Manaus até Pôrto Alegre.

É, ainda, Fritz Jank, o acompanhante preferido dos maiores solistas que têm aparecido em São Paulo, tendo já se apresentado nessa função, entre outros, com Odnoposoff, Spalding, Cillari, Zlatopolsky, Borgerth, De Lio, Eunice De Conti, Chenewsky, violinistas; Repoche, Ranzato e Camerini violoncelistas; Madelene Grey, Margit Rokos, Edith Fischer, Laurence Winters, Jennine Tourei, Lebeis, Maristani, Maria de Lourdes Cruz Lopes, A. Glinksky, Iris Ferriani, Rolf Telasko, Frederik Fuller, Julieta Azevedo, Helena Figner, Florence Fisher, Aubrey Pankey e inúmeros outros solistas que se apresentaram em nossa Capital.

TEMOS A CAMISA COM O COMPRIMENTO DE MANGAS,

**QUE VOCÊ PRECISA****ARTIGOS FINOS PARA CAVALHEIROS****GINO ALFONSI**

Iniciou seus estudos musicais aos nove anos de idade, abrangendo piano e harmonia, dedicando-se, depois, ao violino. Aos quinze anos realizou seu primeiro recital público em São Paulo. Em 1929, executando um concerto de Beethoven, apresentou-se pela primeira vez como solista de orquestra. Aprofundando-se na vastíssima literatura da música de câmara, participou de diversos conjuntos camerísticos, tendo sido violinista do antigo Quarteto Haydn e «Spalla» da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo.

Atualmente integra o Quarteto de Cordas Municipal, como 1.º violino.

**CALIXTO CORAZZA**

Nasceu em São Paulo, tendo iniciado seus estudos de violoncelo com seu pai e aos nove anos, passou a estudar com o Prof. Armando Belardi. Bem cedo revelou-se artista de raras qualidades apresentando-se em público ainda muito criança. Em 1935, ao serem criados o Quarteto Haydn e o Trio São Paulo, do Departamento Municipal de Cultura, foi honrado com o convite do saudoso Mario de Andrade para o posto de violoncelista. Foi professor-catedrático da Escola Livre de Música.

Atualmente integra o afamado Quarteto de Cordas Municipal.

## IRMÃOS DEL VECCHIO LTDA.

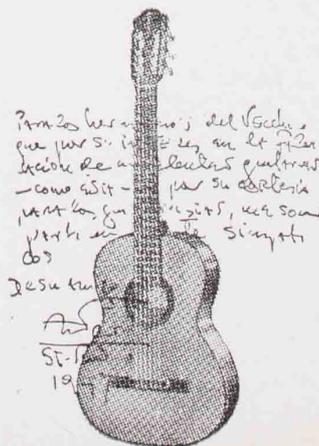
apresentam  
VIOLÃO MODELO «SEGOVIA»  
PARA CONCERTANTES

★  
VIOLÃO MODELO SEGOVIA

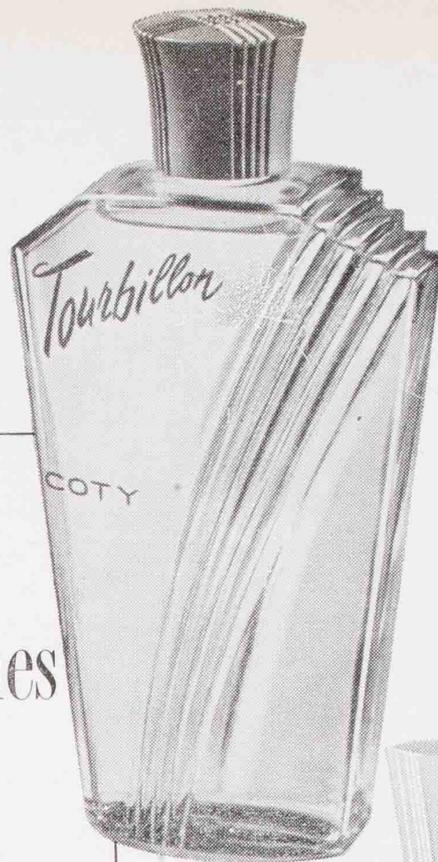
Super-Vox

★

Fábrica e Loja: Rua Aurora, 190/198  
Tel.: 34-0346 — C. P. 611 — São Paulo



TOURBILLON  
*persistente... apaixonante*

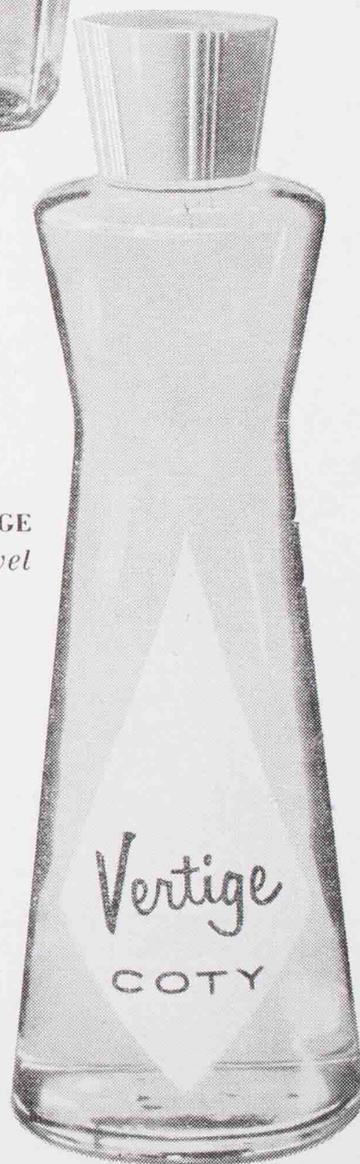


3 criações do  
Mago dos Perfumes  
para realçar sua  
personalidade



SYMPHONIE  
— Harmonia traduzida  
em perfume

VERTIGE  
*o perfume inesquecível*



COTY

# SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Sede atual: Rua Gravataí, 40 — Fone: 32-1787

## DIRETORIA

Presidente	—	DR. DACIO AGUIAR DE MORAES JUNIOR
Vice-Presidente	—	DR. RUY MESQUITA
1.o-Secretário		DR. VICTOR GERALDO SIMONSEN
2.o-Secretário	—	ACACIO ARRUDA
Tesoureiro	—	J. J. JUVENAL RICCI AYRES

## SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

TEMPORADA ARTÍSTICA DE 1963

no Teatro Municipal

### Programação

ABRIL,	25	(5.a) —	Concêrto sinfônico (ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL) Solista: Pianista JACQUES KLEIN Regente: Maestro EDOARDO DE GUARNIERI
MAIO,	20	(2.a) —	Ciclo TRIOS DE BEETHOVEN (1.o concêrto) Executantes: GINO ALFONSI, violino CALIXTO CORAZZA, celo FRITZ JANK, piano
	27	(2.a) —	Ciclo TRIOS DE BEETHOVEN* (2.o concêrto)
JUNHO,	11	(3.a) —	Ciclo TRIOS DE BEETHOVEN (3.o concêrto)
	20	(5.a) —	Cantor JARBAS BRAGA
	27	(5.a) —	Pianista YARA BERNETTE
AGOSTO,	2	(6.a) —	Pianista GUIOMAR NOVAES
	27	(3.a) —	Concêrto sinfônico (ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL) Regente: Maestro ARMANDO BELARDI Solista: Pianista BERNARDO SEGALL
SETEMBRO,	17	(3.a) —	Pianista EUDOXIA DE BARROS
OUTUERO,	8	(3.a) —	Ciclo «O CRAVO BEM TEMPERADO», de BACH (1.o concêrto) Executante: Pianista JOÃO CARLOS MARTINS
	15	(3.a) —	Ciclo «O CRAVO BEM TEMPERADO» (2.o concêrto)
	24	(5.a) —	Ciclo «O CRAVO BEM TEMPERADO» (3.o concêrto)
	29	(3.a) —	Ciclo «O CRAVO BEM TEMPERADO» (4.o concêrto)
NOVEMBRO,	6	(4.a) —	Concêrto sinfônico (ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL) Solista: Cantora MAGDALENA LEBEIS Regente: Maestro DIOGO PACHECO

Observação — Segundo as circunstâncias, poderão verificar-se algumas modificações (acréscimos ou supressões).

ALMOÇO OU JANTAR

Cr\$ 800,00

No Restaurante do

**HOTEL EXCELSIOR**

com

Smorgasboard de

50 pratos

\* objetos de arte

\* relógios

\* jóias

\* prata inglesa

JOALHERIA



**CASA BENTO LOEB**

Servindo a Sociedade Paulista desde 1891

Rua Barão de Itapetininga, 140  
conj. 71 e Loja 1



PIANO BRASIL  
para a futura virtuose!

Antecipe o prêmio à futura artista.  
Dê à sua filhinha o piano que ela  
merece:



*Piano Brasil*



**PIANOS BRASIL S. A.**  
Rua Stella, 63 - S. Paulo

**MERIDIONAL**

FAQUEIROS: PRATA 100  
FAQUEIROS: AÇO INOX  
BAIXELAS E PRESENTES



A venda nas casas do ramo que  
exigem **QUALIDADE**

# SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

1963 — Quinquagésima-primeira temporada — 1963

SARAU 845.o (terceiro da temporada)

2.o CONCERTO DO

CICLO BEETHOVENIANO

DOS TRIOS PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELO

Executantes :

Pianista — FRITZ JANK

Violinista — GINO ALFONSI

Violoncelista — CALIXTO CORAZZA

PROGRAMA

1a Parte

Trio op. 1, n. 3, em dó menor

(Dedicado ao príncipe Carl von Lichnowsky. —  
Editado em 1795)

- Allegro con brio
- Andante cantabile con variazioni
- Menuetto — Quasi allegro
- Finale prestissimo

Variações op. 44, em Mi-bemol Maior

(Composto em 1803)  
Tema — Andante com 14 variações

2a Parte

Trio em Mi-bemol maior

(Obra póstuma, composta em 1787)

- Allegro moderato
- Scherzo — Allegro ma non troppo
- Rondó — Allegretto

Trio op. 70, n. 1, em Ré Maior (Fantasma)

(Dedicado à condessa Marie von Erdady. Composto em 1808).

- Allegro vivace e con brio
- Largo assai ed espressivo
- Presto



**Etam**

...na elegância feminina, Modas Etam predomina!

TRIOS DE BEETHOVEN

Sobre os três primeiros Trios, assim se exprime Prod'homme, em «La Jeunesse de Beethoven», ao comentar as primeiras produções de Viena:

«Beethoven trouxera consigo, sem dúvida, toda a música de que pensava poder tirar partido em Viena; composições já terminadas, que seriam apenas recopiadas ou corrigidas e esboços de composições projetadas, que ele logo destruiria ou aproveitaria segundo suas disposições ou necessidades. Mas a desordem nos seus papeis não era o seu menor defeito, nos seus papéis não era o seu menor defeito. Escrevendo ao seu compatriota e amigo Simrock, em agosto de 1794, exprime ele a intenção de passar uma «revista» em todos os seus manuscritos, dando a entender por aí que a quantidade deles era já considerável, a ponto de exigir que se lhes puzesse alguma ordem. O número relativamente grande de obras por ele publicadas nos primeiros anos de Viena, confirma, efetivamente, que o período de Bonn não se encerrava com as que se lhe podem ser atribuídas com certeza. Mas é sómente com as op. 1 e 2 que se pode fazer iniciar o período vienense de Beethoven.

Dessas duas obras, aproximadamente contemporâneas, a primeira compreende três Trios para piano, violino e violoncelo, dedicados ao príncipe Karl Lichonowsky. Sem atribuir-lhe o ano de 1792, como época de criação, o que Thayer supôs gratuitamente, Nottebohm deixou esclarecido, segundo os esboços conservados na Bibliotéca de Berlim, que estes Trios datam, no máximo, do ano seguinte. Estamos pois em presença da primeira grande obra composta em Viena, à qual Beethoven consentiu que se desse um número de «opus», ou pelo menos daquela pela qual quiz começar a numeração definitiva da sua produção, pois esse número fôra já gravado (com ou sem seu consentimento) em uma coleção anterior de Variações.

Ries noticia que a primeira audição dos Trios foi dada em casa do príncipe, que aceitou a dedicatória. Eis o trecho de Wegeler e Ries, em «Noticias»: (A maioria dos artistas e amadores de Viena fôra convidada, particularmente Haydn, sobre cujo julgamento tudo se regulava. Os trios foram executados e causaram imediatamente extraordinária sensação. O próprio Haydn elegiou-os, mas aconselhou Beethoven a não publicar o Trio em dó menor. Isso surpreendeu muito Beethoven, pois ele considerava esse trio o melhor dos três: é assim que é considerado hoje e é o que produz mais efeito. Além disso, as palavras de Haydn causaram má impressão a Beethoven, deixando-lhe a idéia de que Haydn era invejoso e ciumento e não o estimava. Devo confessar que quando Beethoven contou-me o fato, dei-lhe pouco crédito. Aproveitei uma oportunidade para perguntar a Haydn algo a respeito. Sua resposta confirmou as palavras de Beethoven, pois disse-me que não teria acreditado que esse Trio pudesse, tão rápida e facilmente, ser compreendido e tão favoravelmente recebido pelo público». Beethoven na sua estréia, dera um golpe de mestre, e pode-se conceber que Haydn se ressentisse, vendo o público, o seu público, «compreender» uma obra que saia dos limites prescritos a um gênero reputado inferior ao quarteto, e menos nobre que este.

«Mozart e Haydn — diz Wasielewsky — trouxeram ao Trio, ainda chamado «sonata» por Haydn, pequena contribuição, que, por outro lado, não deve ser desprezada. E' certo que deram ao novo gênero notável importância, mas não o colocaram à altura dos seus quartetos de cordas que, pelo menos em parte, são considerados até hoje verdadeiras

obras primas. Nos trios de Haydn, com raras exceções, o violoncelo é ainda totalmente sacrificado, tratado como bastardo. Não faz mais do que duplicar o baixo do instrumento de teclado. Pode mesmo ser suprimido da maioria dos seus trios, sem prejuízo para o pensamento musical. Já nos trios com piano, de Mozart, o violoncelo adquire importância totalmente diversa. Aí esse instrumento tem seu lugar bem marcado, igual ao piano e ao violino. A impressão de conjunto torna-se mais cheia e mais rica. O violoncelo aí se eleva a um papel próprio no organismo artístico, resultando em mais nítida oposição entre os elementos sonoros associados, pois um único motivo, alternativamente ao piano, ao violino e ao violoncelo, põe em pleno relevo a natureza e o poder expressivo dos diversos instrumentos. E' evidente também que o trecho deve ganhar em plenitude sonora por esse emprego obrigado. Além disso, os trios para piano de Mozart aparecem, pelo plano e elaboração, como quadros musicais importantes... Ora, embora tivesse Mozart realizado, nesse gênero, considerável progresso, o trio para piano continuava em atraso, relativamente ao quarteto, por ele e por Haydn levado a alta perfeição. Isto não podia escapar a Beethoven. Viu logo que, nesse gênero de música de câmara, era possível um progresso real. E pôs-se a criar obras que abriam perspectivas... Mozart o influenciou principalmente quanto à forma e amplitude da melodia, enquanto Haydn fez-lhe frutificar o espírito em numerosos detalhes. A construção dos períodos é mais vasta, de maior fôlego, a exposição da idéia tem mais impulso e se manifesta diversamente por uma invenção bebida em fonte mais profunda. Tais características do gênio de Beethoven são sensíveis no último trio, cheio de gravidade nobremente humana e de enérgica força de vontade. O segundo oferece, quase de começo a fim, um caráter gracioso e, por vêzes, uma jovialidade quase exuberante. Parece o reflexo de uma felicidade sem perturbações, que alegra o coração. Sombras leves, apenas passageiramente obscurecem a impressão total, luminosa como o sol. Beethoven criou poucas obras que causam, como este Trio em sol Maior, a impressão da alegria de viver, impressão, que, posteriormente, se encontra sómente em casos isolados».

Quanto à forma, Beethoven é inovador nestes Trios, introduzindo o «scherzo» (ao qual nesita em atribuir tal denominação) entre o Adágio e o Final — o «scherzo» realmente «beethoveniano» com o qual substituirá o antigo «minueto»; acrescenta uma «coda» desenvolvida ao primeiro movimento, conclusão frequentemente espirituosa, de efeito inesperada para o trecho que antes dele, terminava com simples «reprise» da primeira parte; adota, quase definitivamente, a divisão da obra em quatro partes. O último tempo tem, com ele, muito mais amplitude do que com os predecessores, que dele se saíam facilmente, sem trabalho inútil, com o único fim de colocar o ouvinte sob uma impressão agradável e serena. Mozart fizera já uma exceção a esta prática nos finais das sinfonias em sol menor e em dó Maior; Beethoven disso fez uma regra: os finais das suas grandes sonatas, dos quartetos, das sinfonias, se apresentam, na maioria dos casos, não em todos, como um «crescendo» em relação aos movimentos anteriores. O final do Trio em dó menor oferece notável exemplo desse processo. E já, pelo vigor do pensamento, pela nitidez dos motivos, a alegria ingênua e serena dos Scherzos, a melancolia dos Adágios, o entusiasmo dos Finais, ele se revela inteiramente».

# WILLYS AGORA...

## O NEGÓCIO É COM JODORA!

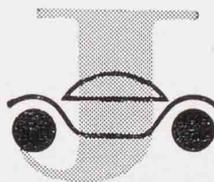
o que você procura?

um carro grande e luxuoso?  
um carro ágil e esportivo?  
um carro para a família?

então escolha: Aero-willys  
Dauphine  
Gordini



Decida-se por um destes mas  
faça questão de comprá-lo em  
Jodora - Veículos e Peças S/A.  
Jodora assegura a melhor  
assistência técnica. Jodora é uma  
tradição de bons serviços.



Willys - o negócio é com  
Jodora.

Jodora - Veículos e Peças S/A.  
Rua Barão de Jundiaí, 115  
Fone: 5-0909

### Conheça as condições de pagamento de Jodora.

Loja:  
JODORA VEÍCULOS E PEÇAS S/A.  
Rua Barão de Jundiaí, 115/284

Oficina:  
Rua Gago Coutinho, 232/296

## TRIOS OP. 1

Edmond Vermeil, em «Beethoven»:

«Os trios op. 1 são superiores às obras contemporâneas do mesmo gênero. E' com arte consumada que Beethoven divide os temas entre os instrumentos, tratando cada qual segundo seu caráter próprio. Os Scherzos são notáveis. Intimamente unidos aos Trios, formam com eles uma espécie de organismo sinfônico. Os trechos lentos não são inferiores aos das Sonatas para piano. Embora o piano aí mantenha o seu papel de guia, os instrumentos de cordas o completam admiravelmente. O terceiro Trio nos revela o gênio demoníaco de Beethoven. Ele é em dó menor, tonalidade favorita do mestre, portanto de ordem patética. A primeira parte, que prenuncia o Scherzo da Quina Sinfonia, nos mostra com que desconcertante rapidez Beethoven se instala na sua maneira própria. O «prestíssimo» é construído com um dos mais apaixonados temas que Beethoven compôs».

— — —

## VARIAÇÕES PARA TRIO, OP. 44

Prod'homme, em «Jeunesse de Beethoven»:

«Uma outra série de Doze Variações (em mi-bemol) para forte-piano, violino e violoncelo, publicada muito mais tarde sob número de op. 44, pertence também à época de Bonn, pois se lhe encontra o esboço ao lado do «lied» sobre palavras de Shiller, «Fenerfarb», reaparecendo depois em um esboço para o Minueto do Oteto e no final do Trio em dó menor. Este tom de mi-bemol, comum a estas duas últimas obras, e o tom do trio (relativo menor de mi bemol), aproxima entre si tais composições, praticamente contemporâneas».

— — —

## TRIO EM MI-BEMOL

Prod'homme, em (La Jeunesse de Beethoven»:

«Um outro Trio, sempre no tom de mi-bemol, para piano, violino e violoncelo, e do qual dizia Beethoven a Schindler ser «um dos seus mais altos ensaios de composição no estilo livre», teria sido composto quando Beethoven tinha quinze anos. Um catálogo antigo lhe atribui a data mais verossímil de 1791 e acrescenta, não se sabe como que base, que Beethoven o destinára a fazer parte da op. 1, rejeitando-o depois, por muito fraco.

Como quer que seja, essa obra desprezada é interessante. Pertence ao período mozartiano de Beethoven, com alguma influência de Clementi, e tem esta particularidade: o segundo dos seus três tempos, em lugar de ser um andamento lento, é um «scherzo», um dos primeiros, senão o primeiro «scherzo» beethoveniano, com um trio formado de um desenho contínuo que lhe dá um caráter de valsa. O primeiro trecho é um «allegro moderato», com um só tema, exposto duas vezes e seguido de um longo «ritornelo» com uma pequena idéia nova (violino e violoncelo), que servirá de «coda». O desenvolvimento, que comporta 38 compassos, é feito sobre o ritmo do primeiro tema; depois as cordas retomam em eco a pequena «coda» precedente. A reexposição é levemente variada e seguida de uma verdadeira «coda» de 20 compassos. O Rôndó final, Allegretto, em mi-bemol, como os dois trechos precedentes e construído também sobre um só tema, apresenta uma transição em menor e, mais adiante, uma «reprise» do tema em si-bemol, o que dá lugar a modulações menores, antes da última «reprise» seguida de uma «coda» de 20 compassos».

— — —

## TRIO OP. 11

Prod'homme, em «La Jeunesse de Beethoven»:

«Das obras compostas entre 1795 e 1800 a última em que intervem o piano é o Trio op. 11, com clarineta ou violino e violoncelo, publicada por Mollo em outubro de 1798. Nettekohn encontrou-lhe o esboço do Adágio em um manuscrito do British. E' portanto contemporânea da op. 49 n.º 2. O terceiro e último movimento é uma série de Variações sobre um trio de «Amore marinaro» de Weigl, representado em Viena a 18 de outubro de 1797. Que este motivo tenha sido indicado ao autor pelo editor Artaria, como pretendente, este, ou por um clarinetista (Bar, talvez) ou mais simplesmente pela condessa de Thun, pouco importa. Segundo Czerny, Beethoven lamentava não ter completado a obra com um final após as Variações. Com seu plano em três movimentos, que lembra a antiga sonata à italiana, este Trio, dedicado à condessa de Thun, não deixa de causar agrado. O primeiro tema, fortemente ritmado, oferece alguma analogia com o da terceira Sonata para piano e violoncelo, op. 69. Segundo um processo que lhe será familiar em suas obras sinfônicas e em outras, Beethoven emprega o contraste dos timbres nos primeiros compas-

ARTIGOS FINOS PARA CAVALHEIROS

CASA NAZARIAN

AVENIDA SÃO JOÃO — ESQ. CONS. CRISPINIANO



# TEATRO MUNICIPAL

em revista



## Ribeiro - publicidade e editora ltda.

REDAÇÃO — ADMINISTRAÇÃO

PUBLICIDADE

av. ipiranga, 795 - 1.º andar - conj. 105  
fone: 37-4841 — são paulo



Diretores

M. H. RIBEIRO  
JOÃO B. RIBEIRO



Coordenação Artística

A. MENDES  
P. BRUCK



Coordenação Gráfica  
ANTONIO I. SANTOS



Relações Públicas  
VICTOR SCALABRINI



Colaboradores  
JUDITH CABETTE  
LUIZ ELLMERICH  
OLIVIA FLORENCE  
PAULO O. CERQUEIRA  
RITA MARIANCIC  
PAULO CAMARGO



Contatos

HEINZ WIDETZKY  
IRENE HIPPIUS  
CRISTINA VISSER  
T. R. ALVARENGA  
P. MENDES



Composta e impressa na

GRÁFICA CINELÂNDIA LTDA.

Rua Vitória, 93 — Tel. 34-2604

tos expostos pelo «tutti»; o piano, alternando com os dois outros instrumentos, acaba de expôr o tema. No compasso 39, aparece no piano o contra-tema, em ré, «pianissimo»; êle reaparecerá em ré bemol, no início do desenvolvimento, terminando regularmente, no tom principal, pela repetição da segunda parte da primeira «reprise», seguida de uma coda de doze compassos. O adágio se desenvolve de maneira análoga ao primeiro trecho. O violoncelo expõe o tema, retomado canonicamente pelo violino e o piano, que expande por sua vez todos os seus recursos, quer dialogando com os dois outros instrumentos, quer no acompanhamento brilhante que lhe é confiado. Seu papel não é menos interessante nas nove variações que terminam a obra, variações muito livres, nas quais o tema acaba por desaparecer. E' êle que expõe o motivo retomado pelo violino, sôbre o discreto acompanhamento do violoncelo. É êle ainda que apresenta, em sólo, a primeira variação; a segunda, tratada em cânone, é confiada ao violoncelo e ao violino. O piano reaparece nas variações seguintes. A quarta e a sétima são em si-bemol menor, esta sôbre um ritmo de marcha fúnebre, aquela com o caráter de doce cantilena, imediatamente seguida de um brilhante «maior». A oitava variação apresenta um contraste dinâmico curioso entre o baixo do piano, que marca «sempre stacato e f», os quatro tempos do compasso, harpejando acordes completados pela mão direita «piano» enquanto que o violoncelo, depois o violino, cantam «piano e dolce» uma lenta melodia, na qual se pode ver uma lembrança do motivo original. Este reaparece na última variação, exposta em canone pelo piano, depois pelos dois outros instrumentos, enquanto o piano acompanha com um trilo incessante na mão direita e harpejos na esquerda. Uma «coda» em sól Maior, a princípio em 6/8, termina este Trio, no qual é permitido encontrar, aqui e ali, uma aplicação das lições do sábio Albrechtsberger.

### TRIO OP. 97 (ARQUIDUQUE)

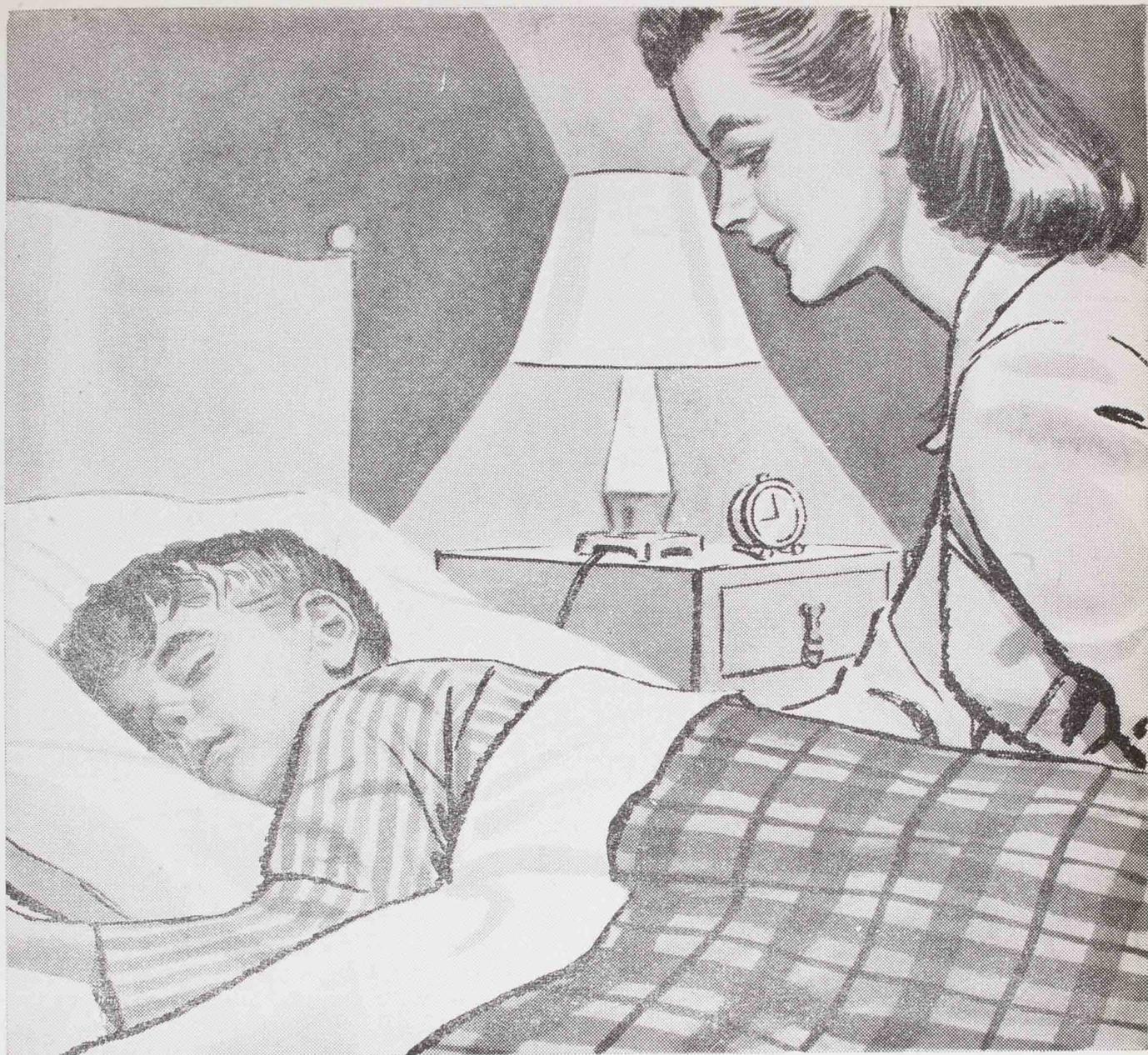
Vincerit d'Indy, em «Beethoven»:

(Não hesitamos em colocar também este Trio entre as obras inspiradas a Beethoven pelo seu ardente amor pela natureza, quase tão fértil em obra-primas quanto o foi, no segundo período da sua vida produtiva, o amor feminino).

### TRIOS

Edmond Vermeil, em «Beethoven»:

(Que dizer dos dois Trios op. 70 e do famoso Trio do Arquiduque? Na op. 70 n. 1, o Largo é realmente notável. E' uma das mais melancólicas composições de Beethoven. O segundo Trio op. 70 revela as mesmas delicadezas contidas nas sonatas para piano op. 54 e op. 90. O Trio do Arquiduque data de 1811. Ele nos leva às monumentais obras finais. Na primeira parte, larga e majestosa, o piano mantém o papel principal, afirma o pensamento dominador. O Scherzo é uma das maravilhas da música de Beethoven. Mas a parte capital da obra é o admirável Andante. O piano apresenta inicialmente o tema sob a sua forma maciça, em magníficas harmonias. Os instrumentos de cordas o retomam. Depois, graças à sábia e gradual decomposição do ritmo, o tema inicial parece desmaterializar-se como no Andante da Appassionata. Aqui ainda a passagem imediata do Andante, ao Final está repleta de alegria.



“Quentinho e  
bem aconchegado...”

**AS FLANELAS E COBERTORES DAS**

**CASAS PERNAMBUCANAS**

ESQUENTAM MUITO MAIS  
E CUSTAM MUITO MENOS



NOVIDADE ABSOLUTA!

FRIGIDEIRA  
ELÉTRICA

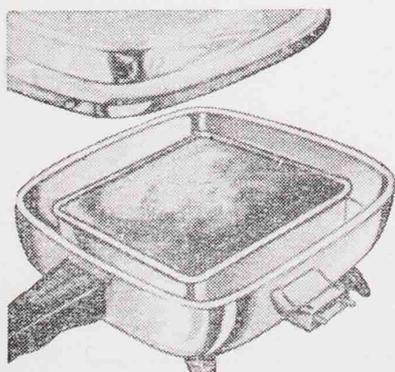
**Rochedo-Matic**

PREPARA RÁPIDAMENTE OS PRATOS MAIS DELICIOSOS!

— E V. TAMBÉM  
VAI USAR NA MESA!

- COZIDOS
- ASSADOS
- FRITURAS

Tabela de cozimento no próprio cabo! Realmente prática! Com a sua Rochedo-Matic, basta seguir as instruções do próprio cabo e preparar pratos deliciosos! Procure conhecer **ROCHEDO-MATIC**, ainda hoje, em seu Revendedor!



Para fazer bolos, a Rochedo-Matic é um verdadeiro forno portátil.



Um produto de

**ALUMÍNIO DO BRASIL S.A.**

DISTRIBUIÇÃO GRATIS ★ MAIO, 1963